

..... Artigo

DOI: <https://doi.org/10.23925/1982-4807.2024i35e65801>

NEGROS NA EXTREMA DIREITA, FAZ SENTIDO?

Um olhar sob Fanon na busca de compreender as relações de raça e movimento político dos últimos anos.

Claudinei Espírito Santo¹

RESUMO

O texto a seguir visa refletir acerca dos caminhos que possibilitou haver uma presença negra relevante na militância de direita e extrema-direita, pensando a partir dos desdobramentos históricos com a abolição até o aliciamento pelas trocas simbólicas ligadas à religião. Foi observado o movimento político dessas facções, e nota-se a presença de pessoas negras que ignorando as pautas identitárias que o envolvem, acabam adotando o discurso opressor que recai sobre si e seus iguais. Por meio de Fanon foi possível identificar as lacunas preenchidas por aquilo que podemos chamar de auto ódio, já que visa o apagamento, ou então a anulação da própria identidade ao assumir referências que a extrema-direita idealiza. Se percebe a assimilação da pessoa preta, sobretudo homens negros que acabam dando volume aos discursos de ódio ventilados pelas militâncias políticas; isso se dá pelo aculturação, ou absorção de valores apresentados pelas classes dominantes idealizados como padrões de alto valor, mesmo que isso signifique automutilar-se.

Palavras-chave: Racismo; Negritude; Política; Extrema-direita; Branquitude.

ABSTRACT

The following text aims to reflect on the pathways that have led to a significant black presence in right-wing and far-right militancy, considering the historical developments from abolition to the allure of symbolic exchanges linked to religion. The political movement of these factions has been observed, and it is noted that there are black individuals who, disregarding the identity issues involved, end up adopting the oppressive discourse that affects them and their peers. Through the lens of Fanon, it is possible to identify the gaps filled by what we might call self-hatred, as it seeks the erasure or annulment of one's own identity by adopting references idealized by the far right. There is an assimilation of black individuals, particularly black men, who end up amplifying the hateful discourses espoused by political militancy. This occurs through acculturation, or the absorption of values presented by the dominant classes idealized as high standards, even if it means self-mutilation.

Keywords: Racism; Blackness; Politics; Far-right; Whiteness.

RESUMEN

El siguiente texto tiene como objetivo reflexionar sobre las vías que han llevado a una presencia negra significativa en la militancia de derecha y extrema derecha, considerando los desarrollos históricos desde la abolición hasta el atractivo de los intercambios simbólicos vinculados a la religión. Se ha observado el movimiento político de estas facciones, y se nota que hay individuos negros que, a pesar de los problemas identitarios involucrados, terminan adoptando el discurso opresivo que los afecta a ellos y a sus pares. A través de la mirada de Fanon, es posible identificar las brechas llenadas

¹ Teólogo, historiador, mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP, doutorando em Ciências Sociais PUC-SP; ORCID: 0009-0001-1388-6934; <https://lattes.cnpq.br/5748573704091325>; laudio_espírito@hotmail.com
Revista Ponto-e-Vírgula, São Paulo, V.1 n34e65801
e-ISSN:1982-4807
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PUC-SP
<https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula>

..... Artigo

por lo que podríamos llamar odiarse a uno mismo ya que busca el borrado o anulación de la propia identidad adoptando referencias idealizadas por la extrema derecha. Existe una asimilación de individuos negros, particularmente hombres negros, que terminan amplificando los discursos de odio promovidos por la militancia política. Esto ocurre a través de la aculturación o la absorción de valores presentados por las clases dominantes, idealizados como altos estándares, incluso si eso implica autolesionarse.

Palabras-clave: Racismo; Negritud; Política; Extrema-derecha; Blancura.

INTRODUÇÃO

O sistema opressor que atua contra a população negra tende a dificultar a real compreensão da história e seus desdobramentos, assim um dos resultados de tudo isso é o total desconhecimento das pautas que tocam a própria existência. Em pessoas comuns, cuja atividades do dia a dia pode ofuscar o aprofundamento dessas questões que as comprimem, é sem dúvida maior em número e proporção desse conhecimento. Quando observamos pessoas públicas como o deputado federal Hélio Negrão e Fernando Holiday, primeiro vereador LGBT a assumir em São Paulo, notamos que mesmo estando em contato com as demandas das populações que os interseccionam, optam pelas contradições e trabalham em oposição aos indivíduos de seu grupo social. E isso se torna uma grande questão na política partidária brasileira.

São dois fios cortantes de uma mesma lâmina que trazem o mesmo resultado: o esvaziamento das fileiras de combate dos movimentos sociais, que buscam por direitos, o fim do genocídio da população preta, o fim do racismo ambiental e do encarceramento em massa da juventude negra, sendo essas as pautas mais urgentes. Depois, o segundo resultado é o complemento do primeiro, mas alicerçado nas pessoas públicas que passam a lutar diretamente contra essas pautas, usando suas conquistas pessoais como referência de meritocracia, ou ainda esvaziando o debate refutando a problemática do racismo, a compreendendo como um murmúrio sem propósito e fundamento, simplesmente usado como desculpas pelos fracassos, ou simploriamente chamando de “mi, mi, mi”.

As representações políticas são ideológicas e reagem de acordo com as suas pretensas estabelecidas; a “elite” da direita sendo constituída por pessoas que sempre gozaram de privilégios sociais, assistem o debate sem se expor e sem se sentirem ameaçados a perder as suas regalias políticas e sua relevância nas tomadas de decisão sobre os rumos do país. A esquerda brasileira também possui uma elite que se afasta da base que inflou partidos como PT e PSOL, como avisou Pedro Paulo Soares Pereira, o

..... Artigo

Mano Brown em 2018 quando subiu ao palco no final do segundo turno e explicar o porquê Haddad não seria eleito. Pedro Paulo foi vaiado.

Nós podemos ver essa elite no processo que demanda atenção as pautas já mencionadas, e é uma elite que poderia ter em seu corpo maior diversidade de ideias, e não há, pois as pessoas que a compõe também vem das mesmas matrizes sociais que a elite da direita; mas a dialética usada com as demandas da população negra é diferente da direita que permanece inerte e auto protetiva, as esquerdas brasileiras entregam por via de decretos ou projetos sociais posicionamentos em favor dessa população, mas não divide a tomada de decisão com elas.

Muito se debateu nos últimos meses do ano a necessidade da presença de uma pessoa negra no Supremo Tribunal Federal, sobretudo, uma mulher. As manobras do atual mandatário tentaram arrefecer o barulho feito pelas mesmas lideranças negras que o sustentaram no processo eleitoral, por vezes, sendo literal ao assumir que não estava preso a “questão de gênero ou cor”, ou estendendo o tempo para tomar a decisão para não trincar a aliança de longa data com os movimentos negros. A escolha se deu pelo então ministro Flávio Dino, que está alinhado ideologicamente ao presidente Lula, e parece oferecer certa lealdade; Dino era ministro da Justiça e Segurança, e foi substituído por Lewandowski, mantendo a mesma ordem política de pessoas das mesmas classes sociais.

Outro nicho aqui é a extrema direita brasileira, que nos chama a atenção por haver negros das duas camadas que falamos há pouco, as de pessoas públicas e anônimos que se sentem representados pelas falas e ideias dessa facção política. A extrema direita brasileira é uma cópia malfeita dos fascismos do século passado, mas que não possui as mesmas possibilidades de cooptação de capital político, porque ideias extremas precisam diferenciais extremos. Na Espanha, Portugal e Itália, se vê uma ascensão de ideais nacionalistas capazes de eleger democraticamente herdeiros diretos dos fascismos dos contextos da Segunda Guerra, pois há capital político apoiado na ideia de raça e origens, sobretudo, contra “invasão” de imigrantes.

Nos EUA também foi possível eleger Trump, que já assombra as eleições de 2024 por lá, já que possuem uma série de representações simbólicas, de um sonho que se desfaz, principalmente nas mãos dos americanos médios. Se atribui a culpa também aos imigrantes; no Brasil, essa dinâmica não é possível nacionalmente, dessa forma, a extrema

..... Artigo

direita usa as mesmas armas da direita: os ideais liberais e um nacionalismo à brasileira, que nos faz lembrar o Integralismo que reivindica o controle da nação por essa elite branca e patriota, ao menos foi isso que pudemos assistir nas manifestações de 1964 que pediam a intervenção militar e as de 8 de janeiro de 2023, esta última sem sucesso.

As ideais que são intrinsecamente racistas como aqueles que estão presentes nas ideologias “azuis” ou de direita, e na esquerda permanecem minando as necessidades de reparação. Fanon nos ajuda a compreender como elas se conectam ao negro, neutralizando sua autoimagem e os seus mecanismos de defesa para se relacionar com a branquitude e com as pessoas brancas; o psiquiatra martinicano oferece a análise de diversas falas, atitudes e leituras dos seus conterrâneos e da sua estadia na Europa, até compreender por si mesmo o efeito do colonialismo nas mentes das pessoas. A nós parece que há as mesmas possibilidades na cultura política da pessoa negra no Brasil, e podemos nos servir da mesma matriz interpretativa usada por Fanon.

O NEGRO E AS COMPREENSÕES DE SI MESMO

Fanon (2020 Fanon, pág. 23), a nível de comparação entre a diversidade da humanidade salienta que entre a pessoa negra e uma pessoa de qualquer nacionalidade, a primeira não “*é de jeito nenhum mais amável*”. Aliado a isso, Mbembe explica a contribuição imagética a ideia de uma unidade negra de um ponto de vista homogeneizador, como o racismo faz atribuindo características que regulam o comportamento das pessoas pretas, mesmo elas vindo de lugares diferentes; comparar pessoas vindo da Bahia e de Minas Gerais pode ser um perigo, se atribuirmos a elas valores relativos simplesmente pela cor da pele.

Dessa forma a primeira coisa que temos que fazer aqui é demonstrar que não há um fator unificado da autocompreensão do negro enquanto grupo, ela é diversa assim como são diversas as formas culturais encontradas nas diferentes regiões da Europa ou da Ásia. Embora seja comum que homens de pele preta se chamem de “primo” ao se encontrar pela primeira vez na vida, ou pelo menos se conectarem à distância com um aceno que faz parecer que se conhecem, não é a mesma coisa que atribuir hegemonia em sua compreensão do mundo exterior. Este tipo de interação constitui a complexidade de fatores históricos que possibilitaram a sobrevivência em períodos coloniais e de repressão.

..... Artigo

É possível que jovens negros reverenciem pessoas negras mais velhas como sendo sua “tia” ou “avó” mesmo não tendo nenhum grau de parentesco, mas porque a mulher negra, no coletivo inconsciente da persona preta reflete a segurança afetiva encontrada nela. Uma pessoa mais velha difere em comportamento da pessoa mais jovem, seja no tempo que a última se dedique ao uso de telas ou na escolha de seus candidatos; os valores idealizados para se pensar uma sociedade raramente serão iguais entre os mais velhos e os mais jovens, sem que haja um elo de ligação entre eles, como por exemplo a academia. Já é percebido que entre os eleitores de Bolsonaro, por exemplo, tenha um grande número de pessoas acima dos 50 anos, e a isso podemos atrelar às questões de pautas morais além da falsa sensação da baixa corrupção nos tempos da Ditadura de 1964.

Por sua vez, a branquitude tem suas compreensões acerca do negro capazes de reproduzirem violências mesmo que verbalmente digam que não é seu intensão o resultado da sua análise. Derivado do espetáculo causado pelas rupturas sociais e políticas que iniciaram na polarização atual, falas como as que mencionamos, que servem para negligenciar as questões raciais no Brasil, usando expressões como “vitimismo”. Essas compreensões têm raízes profundas que se alimentam das abundancias encontradas no solo fértil arado pela falácia da democracia racial que ainda sustenta imaginários de algumas pessoas. Pessoas estas que são capazes de acorrentar “empregados” e sorrir dizendo que será levado para senzala, ou ainda, manter pessoas pela vida inteira em exploração de seu trabalho, e dizer que não havia salário por ela ser “quase da família”.

Esse “afeto” esboçado pela branquitude em relação ao corpo negro é utilizado, em suma, quando confrontados e denunciados pelo seu racismo, mas fora dessas questões, micro violências como o “acelerar dos passos” e o “segurar dos pertences” ao perceber um homem negro por perto, são sintomas do racismo introjetado na sociedade. Outros como interpretar uma ação, vinda da pessoa preta, com a intensão de estancar um ato de racismo, atribuindo a ela uma agressividade. Tal coisa é comum quando um homem negro se posiciona e fala com ímpeto, nessas condições, a ele é dada a conotação de ser uma pessoa violenta; à mulher preta, é comum dizer que é histérica ou “raivosa”.

Esse é um contexto com diversas possibilidades de compreensão da população preta; vão convergir para a forma com que essas pessoas acabarão interagindo nas questões políticas. Em toda a história podemos encontrar pessoas negras dialogando de

..... Artigo

diferentes maneiras na sociedade brasileira; observando, por exemplo, pessoas como Felipe Mina (MACHADO FILHO, 1986 pág. 26), homem ex-escravizado que ao obter alforria, passou a se identificar como uma pessoa branca, se referindo assim a si mesmo como castigava um escravizado seu. Porém não nos faltam pessoas como Lima Barreto, que via as mazelas da sociedade e as denunciava, ou como Machado de Assis, que sabia transitar na aristocracia pós abolição, ou ainda Tia Ciata e outras mulheres que foram bastiões que sustentaram a negritude toda, buscando recursos para compra de alforrias e escondendo em suas casas os rebeldes.

A PERFORMANCE DA POPULAÇÃO PRETA E AS MÁSCARAS BRANCAS

Fanon abre o segundo capítulo de *“Pele negra, Máscaras brancas”*, com uma reflexão particularmente profunda naquilo que a colonização impôs aos antilhanos da sua época, o que em relação ao Brasil pós abolição, não se encontra uma diferença abissal. Diz ele: *“Falar é ser capaz de empregar determinada sintaxe, é se apossar da morfologia de uma outra língua, mas acima de tudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização”* (Fanon, 2020 pag.31). Performar de uma maneira específica à um grupo que não é o seu de origem parece ser comum às pessoas pretas, pois dessa maneira, estimulam a aceitação do outro com mais facilidade. Os antilhanos, sofrendo a presença do colonizador francês, de uma forma abrupta tentavam se aproximar ao invasor, resultando em formas caricatas, e que surpreendia até seus interlocutores.

O Brasil também produziu questões assim, mas levando em consideração que o branco de hoje assim como o negro, nasceram juntos na nação, mas as segregações diversificadas aqui fizeram com que existisse pequenas portilhas de acesso ao mundo do branco, e enormes portões ao mundo negro. Ao mundo branco, pequenos quartos herdados das “alcovas”, antes entregues aos viajantes nas fazendas escravocratas, viraram os “quartinhos de empregada”, e por essa janelinha a mulher negra observava o branco em seu habitat natural; assim como o motorista, o jardineiro, o entregador, o marceneiro racializado acessando a casa do branco. O carnaval, as rodas de samba, os terreiros de candomblé e umbanda foram e são os grandes portões onde o branco vê o negro sem a performance da língua.

Essas relações produzem estereótipos de ambos os lados, para uns mais negativos do que para outros, razão por ainda haver personagens que reproduzem o racismo

Artigo

brasileiro nas dramaturgias, como “Valéria” e “Adelaide” criações do humorista Rodrigo Sant’anna, que com a ajuda de “*black face*” apresenta suas versões de mulheres negras. O próprio humorista em questão aqui, serviria de argumentação acerca da performance negra no mundo dos brancos, já que ele é um homem negro de pele clara, mas que é lido pela maioria como um homem branco; é comum que pessoas nessas condições se sintam justificados ao utilizarem conceitos racistas para o divertimento ou serem aceitos no mundo em que a branquitude é a norma.

Essas performances nas questões políticas surgem no processo de aculturação, mencionado por Fanon, nessa cultura surgem os valores normatizados pela dinâmica das trocas, lembrando que o padrão em países colonizados é o europeu. Este sistema de valores é introjetado na sociedade dominada justamente por essas portinholas que dão acesso à vivência do branco de classe média alta; é comum que as famílias de baixa renda, com algum acesso tenha utensílios domésticos como pratos, taças e talheres separados para ocasiões especiais, quando se recebe visitas, mas não são utilizados pelos donos da casa, como se faz com a prataria nas casas de alto padrão.

E essas formas, para o branco e a branquitude, tornam-se fatores para a aceitação de pessoas não brancas em seus círculos sociais, fora do ambiente de trabalho onde se é servido. Expressões como “negro de alma branca”, surge como uma ideia positiva naquilo que se espera de um negro “educado” ou “trabalhador”, que possua ao menos em seu interior, alguma brancura que se mostra através das atitudes valorizadas pela classe dominante. No período colonial e da escravização brasileira, o negro aculturado era o “ladino”, e à medida que aceitava sobre si o jugo da escravidão, poderia adentrar à cozinha das casas grandes e acessar a intimidade da família. Essas pessoas, normalmente tinham certa resistência quando o assunto da escravaria era uma possível revolta, e não é à toa que na Revolta dos Malês, o grito era “morte aos brancos e aos mulatos”.

No decorrer dos anos as relações raciais no Brasil pouco mudaram, só sofreram atualizações. Na década de 1970 o país era invadido pela indústria americana do entretenimento, o projeto era focado na indústria fonográfica; chegava ao Brasil o rock que acabou se fundindo com o samba e dando origem a um movimento de cultura negra se tornando um efeito colateral, assim foi com jazz. Apesar de o Rock e Jazz serem expressões da cultura negra americana, vieram encapsulados em performances brancas

..... Artigo

como a de Elvis e os Beatles, alimentando o mercado da Zona Sul do Rio, por exemplo, e dessa forma recebendo um valor maior do que os ritmos nordestinos e o samba que já tinha seu público fidelizado.

No entanto, o que começou a ocorrer naquele Rio de Janeiro foi a aculturação de alguns negros que passaram a se exprimir com a estética e a linguagem da zona sul, que é a mais branca e a mais rica da cidade. Nei Lopes, profícuo sambista e autor de romances e livros acadêmicos, percebendo isso, alerta de seus sambas “vira essa pala pra frente”, e em outro ironiza a queda financeira de um cidadão que deixou de chamar a mulher de “Marie Rose” para voltar a chamar de “Maria Rosa”. Sem muitas entrelinhas, Jorge Aragão vai dizer em sua música “*Coisa de pele*” que “nem tudo que bom vem de fora”; essas chamadas de atenção vêm mostrar àquele público que estava deixando de privilegiar a própria criação para aquilo que era só mercado.

Posturas seguras para pessoas negras fora do seio familiar, ou de onde a maioria reside, no caso as periferias são aquelas que se assimilam ao branco, homem ou mulher. Mais uma vez ao entrar nesse território precisa-se ter cuidado, pois nem todo preto samba, e nem toda negra sibila com os quadris ao andar. Mas a estética tida como sendo algo que expressa um caráter íntegro ou uma índole proveitosa é aquela estabelecida pela classe dominante; isso faz com que mulheres negras “amansem” o volume dos cabelos, usem roupas mais largas na linha do quadril e andem enrijecidas em ambientes pouco familiar ou de diversidade racial.

A vida negra em uma sociedade racista significa estar em constante luta pela sobrevivência; dessa forma a busca por mecanismos e ferramentas para se conseguir a proeza de existir perpassa por questões problemáticas para toda a psique da pessoa preta. A negação da sua estética, da sua origem e uma busca frenética para se enquadrar nos parâmetros pré-estabelecidos pela classe dominante gera a violência contra os próprios corpos e sua história. As expressões culturais e religiosas são as primeiras a sofrerem sanções, pois a musicalidade afro diaspórica presente no samba, maracatu e jongs são depreciados e comparados a expressões como o rock metal até por pessoas pretas. A religião passa a ser cristã, eurocêntrica e branca, pois tudo aquilo que excede ao austero e a pureza dos santos e da história romana é demonizada; disto falaremos mais a seguir

Da religião a extrema direita

..... Artigo

Ainda sobre valores, um deles que é alicerce da cultura de dominação é a religião; é fato histórico que a religião sempre foi um fundamentador, ou argamassa das sociedades e das civilizações antigas, e mesmo que tenha sofrido trocas, no mundo ocidental continuou a ser assim pós Idade Média. Em todas as regiões do mundo a cultura religiosa foi fator importante para a divisão das classes sociais; não é possível pensar em Kemet (antigo Egito), sem as classes sacerdotais que gozavam de privilégio, assim como os núbios, assírios, antigos israelitas e os yorubas. Com o advento do cristianismo no mundo antigo, pela primeira vez houve a regulação da vida das pessoas comuns, sob a pena de morte se infringir as regras. O próprio cristianismo era marginalizado e foi perseguido pelos romanos, parece que foi imitando o opressor que a fé cristã tomou forma.

O Brasil como colônia portuguesa, possuía o seu próprio catolicismo e por ele regia os valores da sociedade. Mas a partir dos anos 1960, houve um explodir do pentecostalismo que invadiu as periferias, o que transformou o país que era católico em uma potência evangélica, capaz agora, de mudar os rumos da nação. Vimos a atuação de políticos de extrema-direita sublinhar o seu ódio com versículos bíblicos como justificativa da sua fala, em pleno Senado e Câmaras; ser cristão e odiar como a extrema-direita por meio desses modelos, passou a ser suplemento para se identificar uma pessoa com boa moral e bons costume, em outras palavras, um “cidadão de bem”.

O cristianismo sempre foi uma religião de subalternos, das classes minorizadas e desfavorecidas desde o início da sua história até aqui. Mas o Brasil, por exemplo, no período colonial e pós-abolição, sacerdotes provenientes das famílias da “elite”, e dessa forma, os interesses das classes dominantes chegavam aos ouvidos da massa em formas de sermões que tinham como objetivo amansá-la. Compreendendo que a religiosidade mudou em tipo, sendo que o IBGE nos diz que 22% das pessoas entrevistadas se dizem evangélicas no Brasil de hoje; segundo o censo, outras 64% continuam sendo católicas, mas o alcance dos grupos evangélicos é imensamente maior do que dos católicos, e o dado simples para demonstrar é a presença de evangélicos na TV aberta.

Nesse movimento, as religiões de matriz africana no Brasil passaram a sofrer perseguição, maior do que sempre sofreu, já que as relações religiosas no Brasil sempre beberam das águas dos orixás e vuduns, seja pela comida ou pela medicina tradicional e ritualística. Em 1934, as brasilidades como a capoeira e o Candomblé deixaram de ser

..... Artigo

crime, no entanto, a perseguição que se iniciou aos cultos de afro-brasileiros com a ascensão do pentecostalismo, sobretudo aquele fomentado por Edir Macedo e a Universal fez com que as matrizes continuassem a sofrer revezes que contradizem a laicidade da República. Mas as intersecções entre a religião dos orixás e o pentecostalismo se tornam inegáveis “à olho nu”, visto que o povo que cultua seus ancestrais é o mesmo que se tornaram pastores de pequenas igrejas, que realmente constroem a massa evangélica.

Nos últimos anos o pentecostalismo tem sido transformado recebendo outras matrizes do exterior, por isso o culto pentecostal passou a ganhar novas cores e contornos fazendo com que se torne mais atrativo as classes médias, já que se posicionam com ideias americanas ou igrejas de países desenvolvidos. As transformações se tornam visíveis mais uma vez, quando essas igrejas se estabelecem em bairros mais ricos em relação àquelas que em outro estudo, já tratamos. Outra característica é a origem de seus líderes, o que os aproxima das ideias da branquitude que estamos tratando aqui; o que queremos dizer que uma “gentrificação” ocorreu nas igrejas transformando seu público, ao menos ideologicamente através dos discursos cristãos nos púlpitos.

Não é necessário aprofundar aqui questões já debatidas acerca influência do pensamento europeu no cristianismo pós-reformas, já que Weber já discorreu acerca do capitalismo e a sua interação na ética cristã; então já apontamos para o resultado em solo brasileiro, que mistura a compreensão da classe média e da ideologia branquitude para se pensar questões capitalistas e de produção. Aqui identificamos que o grande divisor de águas entre aquele público, das igrejas periféricas e os outros das igrejas que cunhamos em outro texto, “igrejas de franquias modernas”, não é simplesmente o local onde estão, já que existem pessoas periféricas que frequentam essas igrejas, e sim a sua compreensão sobre a ideia de superioridade financeira e intelectual.

Com essa ideia essas pessoas se tornam detentoras hipoteticamente de uma sabedoria de vida e espiritual superior às pessoas comuns, ou aquelas que não chegaram à evolução espiritual, que reflete na vida. Sim, pois desde os textos bíblico veterotestamentários, a prosperidade financeira vem da obediência ao sagrado e o cumprimento de pactos. A pessoa negra (e não só ela) e periférica, observa o líder religioso próspero financeiramente, intelectualmente e espiritualmente como sendo o vetor de algo divino que entrega e indica o caminho a se seguir. Desta forma o discurso

..... Artigo

ideológico que alinha o cristianismo, a ética capitalista e a extrema direita produzem a quimera desejada para as eleições: a pessoa negra de extrema direita.

Ao se perceber uma pessoa oprimida lutando e defendendo projetos do opressor nos faz procurar uma razão como aquela encontrada nos soldados escravizados que lutaram pelo Império do Brasil na Guerra do Paraguai, a eles tinha sido dada a promessa da liberdade. Mas ao negro de direita e extrema direita não se prometeu nada, no entanto eles possuem em sua mente a falsa sensação de ser pertencente à mesma parcela da sociedade, seja porque alcançaram algum recurso financeiro que possibilita acesso a bens de consumo ou um cargo na denominação religiosa cristã. E essa lógica faz sentido dentro da fé cristã e já foi usada, por exemplo, por Pe. Vieira em seu sermão “Maria Rosa Mística”, a lógica do desaparecimento das raças no plano divino e a sua aplicação direta no templo ainda na terra.

Os valores da extrema direita e a assimilação pelas pessoas pretas

O Brasil possui um extrema direita que procura imitar e reproduzir ideários encontrados nos Estados Unidos na maioria das vezes, mas antes da guerra da Ucrânia, havia grupos, hoje enfraquecidos, mas que defendiam “ucranizar” o Brasil que significa tomar o poder como neonazistas tinham feito no país do leste europeu. É verdade que esse grupo faz parte de um extremo bem agudo no movimento direitista que possui suas próprias nuances. Obviamente que a maior parte da população brasileira não teria acesso livre aos eventos neonazistas de Curitiba e do Sul, já que a pureza da raça ou o pressuposto dela estaria fora de questão; mas ainda assim, ideias racistas, machistas, misóginas e homofóbicas são aceitas com facilidade pelas pessoas não brancas e por pessoas negras.

No Brasil, uma máxima reproduzida várias pessoas independentemente do lado que esteja no cenário político que esteja é: “brasileiro não tem boa memória”. Mas nos parece que a real razão da maioria das amálgamas brasileiras é a falta de conhecimento da história e das micro histórias; parece ser a mesma coisa, mas como seria possível uma boa memória em curto período de tempo? Se pensarmos em um adulto de 35 anos, estaríamos imaginando alguém que não viveu a ditadura, mas cuja história que vai ouvir primariamente sobre esse período é aquela que viveu seu núcleo familiar. Se a família for de um preso político terá certas nuances, se for de um militar, outras.

..... Artigo

Mas o fato é que a maior parte das famílias estavam tentando sobreviver àquela época, em busca de emprego, nas migrações; se pensarmos nas famílias negras que estavam em Estados que não tinha o foco da presença militar, principalmente os interiores, de 1964 a 1985 ouviram o que o rádio entregava. Logo, há razão para que muitos adultos negros que hoje fazem parte da direita e extrema direita acreditem que aqueles anos eram melhores, sem corrupção e maior segurança. O que não é verdade se olharmos para a História e as micro histórias que são recortes específicos; dessa maneira, é possível escutar reproduções da compreensão das classes dominantes daquela época, nessas pessoas negras. De fato, a maioria das famílias negras sobreviveu: trabalhando mais do que as famílias brancas e ganhando menos.

Fanon compreende a violência como um fator inerente para qualquer controle social ou a ruptura desse controle, e na matéria que tratamos aqui, entendemos que a violência é fator propulsor das políticas extremas. E em uma sociedade racista, cujo alvo da violência é a pessoa negra, e ser for física, ganha destaque o homem preto. A violência ao corpo negro é normatizada no Brasil, e justificado ironicamente com frases como: “à noite, todo gato é pardo”. Outra forma de se normatizar é justificar o extermínio ou o encarceramento desse corpo é apontar a atividade, ou não atividade, o local onde mora, e a atitude suspeita que sempre está presente em grande parte nos autos de abordagem policial.

Com a presença de um governo de extrema direita, em 2019 o músico Evaldo Rosa dos Santos foi morto por soldados do exército “por engano”, como diria Sergio Moro ministro da Justiça naquele período. Foram 81 disparos no carro que levava sua família direcionado ao motorista, um homem negro. Era injustificável pela atividade que estava realizando, pelo local que morava ou pela atitude suspeita, então a máquina de propaganda do governo difundiu que o homem era membro de facção criminosa, o que foi rapidamente desmentido, mas não seria a primeira vez que se atribuiria crime a um homicídio financiado ou aplicado pelo Estado.

E é pelo Estado que um efeito anuente começa a recair sobre a população pobre e preta, já que possuímos uma herança colonial onde a punição ao desobediente era feita em praça pública nos pelourinhos pelo país, com o intuito de aterrorizar outros potenciais insurgentes. O movimento que permite que o negro das comunidades urbanas e de favelas

..... Artigo

seja anuente, e por muitas vezes, apoiador fervoroso das dinâmicas de extermínio e encarceramento em massa da população preta descansa nas primícias morais encontradas nos valores das classes dominantes que se apresentam como modelo.

Esses mesmos valores irão justificar o abismo social que repele boa parte da população preta à qualidade de vida digna. É comum encontrar homens negros de idade avançada que vão justificar a sua própria miséria a partir da ideia de que tiveram chances de estudar mais e alcançar maior renda financeira e não aproveitaram. Eles ignoram que as oportunidades que dizem ter tido não são tão reais, na maioria das vezes é difícil para quem sempre ouviu falas de seus chefes, professores, pais e parentes próximos que precisavam estudar “porque a caneta é mais leve que a pá”. Esses mesmos homens nos contam que ao chegar de suas cidades de origem, com 6 ou 7 anos tiveram dificuldades em acompanhar as turmas, porque até a fala, ou seja, as frases, os sotaques e expressões locais os distanciavam da educação.

A educação sempre é apresentada como sendo o transformador de realidades sociais individuais, mas isso não é real quando se lembra que nas relações de trabalho, a formação pouco vai importar se houver aquilo que Bourdieu chama de “capital social”. Também, o acesso à educação que daria capacidade de competição no mercado de trabalho quando pensada entre a década de 1950 a 2000 era quase nula. E em cidades racializadas como as regiões metropolitanas de São Paulo, em que o incidente de pessoas migrantes de outros estados principalmente de Minas Gerais, norte e nordeste é maior, se tornava ainda mais difícil; quem obtivesse um certificado do Senai teria mais chance de ganhar mais, mas tendo um trabalho igualmente pesado em relação aos outros.

Outras violências que são verbalizadas pela extrema direita e que são reproduzidas pela comunidade negra é a de gênero e aquela aplicada as pessoas LGBT; ambos estão apoiados nas máximas conservadoras que estabelecem o “lugar” da mulher e na “irregularidade” das pessoas que vive sua sexualidade “fora dos padrões” estabelecidos pela compreensão de natureza. A mulher negra arca sobre si o fardo de toda a estrutura racista do Brasil, já que recebe a frustração dos próprios homens negros em forma de violência física, psicológica e pela indiferença; essa estrutura ensina o homem negro que quem é digna de valor é a mulher branca, assim como as classes dominantes, seja através da dramaturgia, da música e da educação funcional à que estão expostos.

..... Artigo

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil a população que se compreende como negra ou parda, segundo o IBGE é 56%. São muitas mulheres e homens não brancos em uma sociedade que é governada por homens brancos em sua maioria; a razão para isso, e demonstramos, é o papel central dessa negritude em fomentar o ideário de direita e extrema direita. E para essa incrível façanha da branquitude que mantém a sua hegemonia em termos de controle do poder, a receita foi perpetuar na mentalidade das populações racializadas, como negros, indígenas e seus descendentes que o modelo a ser seguido é justamente o mais próximo ao europeu. Fanon utiliza seu conhecimento e tecnologia psiquiátrico para compreender a gestação desse germe mutilador que cresce no interior das comunidades negras antilhanas, e nós emprestamos dele.

De um ponto de vista crítico, a metodologia utilizada pelas direitas para capturar sua nova seara política, discrepa a da esquerda que apoiando-se nas necessidades reais adquirir o seu capital político; a direita passou a regar as sementes adormecidas das ideias contidas no preceito da “democracia racial” do início do século XX. A grande pergunta é respondida: sim faz sentido negro na extrema direita... É um projeto que foi gestado e tem produzido frutos permanentes, que por vezes recebem um choque e perdem sua aparência vistosa. Esses choques são movimentos culturais que engrandecem a persona negra, como ocorreu em 1934, mas que foi combatido com os reacionários que antecederam o Golpe de 1964; movimentos políticos como o MNU, foram sufocados pela Ditadura, pois viram o potencial organizador.

Hoje passamos por mais um período de organização dos movimentos negros, indígenas e LGBT que estão sendo capazes de causar certas vibrações positivas em áreas como negócios e políticas públicas, via normas como ESG, mas que já sofre reverses de empresários que dizem “diversidade não é algo sustentável” na cultura empresarial. Essas falas estão alinhadas com os levantes de direita e extrema direita pelo mundo, que visa deixar as coisas como elas estão, para monetização das camadas já historicamente ricas seja em dimensões de Estados ou de pessoas físicas. Para tal manutenção é necessário fortalecer os discursos ideológicos que defendem o capital, a mão de obra barata e o capitalista como sendo necessários; mas essas falácias precisam estar na mentalidade das classes médias, e principalmente da massa pobre, cuja maioria é composta, em pleno 2024 por negros.

..... **Artigo**

BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015. 361 p. (Coleção Estudos). Organização e seleção Sérgio Miceli.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022. 374 p. Lígia Fonseca Ferreira e Regina Salgado Campos.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu, 2020. 320 p. Tradução: Sebastião Nascimento e Raquel Camargo.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 6. ed. São Paulo: Contracorrente, 2021. 888 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 1997. 58 p. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. **O Negro e o Garimpo em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985. 141 p.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Antígona, 2013. 306 p. Tradução: Marta Lança

Submetido em: 03-07-2024

Aceito em: 21-08-2024